

Plantações e lotes tomam lugar da mata

25/5/98
31
G.M.
A-8

Virgínia Silveira
de São José dos Campos

O novo mapeamento dos remanescentes da Mata Atlântica, realizado no período de 1990 a 1995, mostrou que, embora haja variações de estado para estado, os casos mais significativos de desmatamento estão sempre associados a grandes empreendimentos de expansão agropecuária, no interior, e à especulação imobiliária, no litoral.

Divulgado na última sexta-feira pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e pela Fundação SOS Mata Atlântica, o novo atlas revelou ainda que, nos últimos cinco anos, foram desmatados 500.317 hectares, o equivalente a um campo de futebol a cada quatro minutos. Segundo análise feita pelo secretário executivo da organização não-governamental Instituto Socioambiental, João Paulo Capobianco, num período de 10 anos, houve uma perda acumulada de 1 milhão de hectares da cobertura vegetal da Mata.

“O ritmo de desmatamento na Mata Atlântica permaneceu estável durante esses anos, o que é muito grave, já que ele é altíssimo e chega a ser 2,5 vezes superior ao que ocorre hoje na Amazônia”, afirmou. Mantido esse ritmo, segundo Capobianco, a tendência é que a Mata seja extinta num prazo de 50 anos.

As consequências lamentáveis desse quadro, segundo ele, já podem ser sentidas. “É o caso da redução da oferta de água da região metropolitana de São Paulo, onde a população vem sendo submetida a racionamento. Só na Bacia do Guarapiranga houve uma perda de 15% da cobertura vegetal entre 1989 a 1996, devido à expansão urbana e à substituição da Mata por florestas homogêneas de eucalipto para fins industriais.

O desmatamento também está provocando mudanças climáticas, deslizamentos de encostas e perda de biodiversidade. A Mata Atlântica possui mais de 600 espécies vegetais por hectare, com até 400 tipos diferentes de árvores.

O estudo aponta o Estado do Rio de Janeiro como campeão na redução da cobertura florestal da Mata Atlântica. Em dez anos o Estado desmatou mais de 20% de Mata (140.372 hectares). No mapeamento anterior, feito entre 1985 a 1990, o Paraná aparecia como vilão número um em desmatamentos. Nos últimos cinco anos, porém, ele apresentou queda de 50%, tanto no ritmo quanto no volume desmatado, em relação ao período anterior.

A situação verificada no Estado do Rio, segundo Capobianco, foi provocada, em 90% dos casos, pela formação de pastagens de baixíssima produtividade. Na região de Nova Friburgo, porém, ela estava associada à expansão urbana e à construção de residências de veraneio.